

# 1. Introdução

Vivemos uma época de mudanças e incertezas. As profundas transformações sociais, políticas e econômicas resultantes do desenvolvimento da ciência, principalmente, do avanço da tecnologia, informática e biotecnologia, nos dão a impressão de que vivemos um mundo diferente a cada dia. Parece impossível ao ser humano manter-se ileso diante disso, já que não há como pensá-lo fora do tempo e do espaço que lhe são próprios. Desta forma, toda transformação social traz conseqüências para a produção de subjetividade e todo novo movimento ou fenômeno social deve ser pensado à luz do contexto sócio-histórico em que está inserido.

A partir dessas constatações, a dissertação que aqui começa a se delinear tem por objeto o movimento da *Body Modification*, que, de acordo com nossa compreensão, desponta como fenômeno próprio da contemporaneidade.

O movimento surgiu na costa oeste dos EUA, mais precisamente na Califórnia, nos anos 70. De início era associado às práticas sexuais, ampliou-se consideravelmente ao longo dos anos 90, caracterizando-se como uma subcultura nas quais estão inseridas práticas indígenas, o estilo sadomasoquista e performances artísticas (Pitts, 2000). Seus adeptos constroem corpos que possuem um estilo não-convencional, divergentes do padrão clássico ocidental de representação do corpo. É um fenômeno que vem se proliferando, e adquiriu status de arte ganhando espaço na mídia e nas galerias de arte.

*Body Modification* é o termo utilizado para designar práticas tais como: técnicas de tatuagem e *piercing*, práticas baseadas na cirurgia plástica, e até mesmo a química dos esteróides (Villaça & Góes, 1998). Teríamos, também, nestas práticas o *skindeeper* (implante de adornos feitos de aço cirúrgico sob o tecido da pele), a *scarification* (que corresponde à aplicação de cicatrizes no corpo seja através do *branding* - tatuagem feita com ferro em brasa – ou do *cutting* – quando lâminas afiadas são utilizadas para fazer cortes na pele), como também pela suspensão (quando a pessoa tem seu corpo suspenso no ar - sua pele é atravessada por ganchos, como uma espécie de anzol, que se prendem às cordas e roldanas e que permitem que a pessoa fique pendurada em diversas posições) e o *stretching* (abertura e alargamento de orifícios em determinadas partes do corpo

como a orelha e a parte inferior dos lábios), citados por Heuze em seu livro *Changer le Corps?* (2000). Poderíamos citar ainda o *tongue splitting* (bifurcação da língua), a amputação (onde partes do próprio corpo são removidas por vontade própria) e o *pocketing* (em que peças de aço cirúrgico atravessam a pele, desta forma algumas partes permanecem expostas sobre a pele).

Como vimos, são inúmeras as práticas de transformação corporal. No entanto, podemos perceber dois tipos distintos de intervenções: no primeiro encaixam-se as práticas mais convencionais, tais como a maquiagem, o uso de saltos altos, a construção dos corpos através da ginástica (*body building* - onde se encontra a utilização da química dos esteróides), as cirurgias plásticas e até mesmo o uso de unhas compridas ou de implantes de cabelo. Estas seriam socialmente aceitas, pois, na maioria das vezes, representariam uma busca por adequar-se ao ideal de beleza da sociedade. No segundo encontram-se as práticas mais radicais. São elas: tatuagem, *piercing*, *branding*, escarificação, *tongue splitting*, suspensão, *cutting*, *skindeeper*, *pocketing*, etc.

Embora todas as práticas de transformação corporal envolvam em algum nível uma modificação na imagem individual do corpo padrão, este segundo grupo é o que nos interessa, pois suas práticas apresentam um caráter mais invasivo e/ ou permanente e implicam, muitas vezes, em uma drástica transformação na imagem corporal dos indivíduos que se submetem a elas, de um modo distinto dos padrões socialmente aceitos. Além disto, apesar de estarem se tornando cada vez mais presentes na atualidade, permanecem como práticas não usuais na sociedade ocidental.

Desta forma, apesar de algumas destas práticas serem milenares, como no caso da tatuagem e do *piercing*, a ocorrência delas parece adquirir uma nova significação na contemporaneidade. Este também é o grupo que costuma ser mais problematizado socialmente, o que faz com que muitas das abordagens sobre este fenômeno partam de uma idéia pré-concebida em relação aos seus adeptos.

É importante ressaltar que o nosso interesse é o excesso, ou seja, em nossa pesquisa estamos nos referindo aquelas pessoas que realizam uma ou mais práticas radicais de transformações corporais, de forma a modificar drasticamente sua aparência e/ou o seu corpo. São os adeptos da *Body Modification* extrema. Parece-nos que, nestes casos, o corpo seria um instrumento para a manifestação

desses indivíduos e foi, justamente, esta constatação que despertou o nosso interesse.

A pesquisa que iremos desenvolver irá trazer à luz a relação entre o corpo e a constituição da subjetividade, além de propor uma reflexão sobre as implicações do movimento da *Body Modification* em nossa sociedade. Nosso intuito é o de nos aproximarmos destas práticas sem uma visão negativa. Ao invés disto, procuramos positivá-las, pois no nosso entender estas práticas muitas vezes viabilizam uma nova forma de existência para seus adeptos.

Com a intenção de aprofundarmos nossa pesquisa, tornou-se necessário recorrer a outros campos de conhecimento, principalmente, à filosofia, à sociologia e à antropologia. Pois embora os estudos sobre o corpo na contemporaneidade estejam cada vez mais abrangentes, no que diz respeito às práticas da *Body Modification*, pouco material tem sido desenvolvido pela psicologia.

Na realização desta dissertação, utilizamos o pensamento de Foucault como suporte para pensarmos o corpo, a constituição da subjetividade e as práticas de marcação corporal na contemporaneidade. Foucault nos apresenta uma concepção de subjetividade em que o corpo aparece como campo de atuação de relações de poder que o marcam e moldam e é justamente através deste corpo que se atinge a alma do indivíduo. A partir daí, a alma passa a reproduzir os mecanismos coercitivos do poder que estão em atuação no social, buscando produzir corpos dóceis e úteis. Desta forma, a subjetividade para Foucault é uma construção histórica-política-social, que não comporta uma essência universal. A valorização da raiz corporal da subjetividade feita pelo autor torna, portanto, sua obra imprescindível para nossa abordagem.

O trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, “Corpo, Poder e formas de Subjetivação em Foucault”, traçamos um panorama sobre a concepção de poder para Foucault e suas variações ao longo de sua obra, bem como as implicações que estas transformações trazem para a constituição da subjetividade. Este percurso será importante, pois nos permitirá sustentar nossa argumentação de que a *Body Modification* é uma possibilidade de construção de uma nova forma de subjetividade que busca se contrapor às formas de controle exercidas pelos mecanismos do poder na contemporaneidade. Destacamos, então, as transformações que nos levaram a passar do poder soberano, que se baseava na

vontade do rei e na lei para decidir inclusive sobre a morte de seus súditos, para o poder disciplinar e depois para o Bio-poder, nos quais o objeto de controle passa a ser a vida da população. Sob a prerrogativa de melhorar as condições de vida da população, o Estado passa a “dirigir” e controlar a vida dos indivíduos.

Em nossa análise procuramos estabelecer de que forma estes diferentes tipos de poder atuam sobre os corpos e as subjetividades que resultam desta interação. Procuramos ainda situar de que forma a resistência se manifesta como força criativa provocando alterações nas formas de poder. No final do capítulo, ao apresentarmos a Estética da Existência, enfatizamos a dimensão de liberdade que esta concepção do poder comporta. As práticas do cuidado de si seriam valorizadas por Foucault em função de permitirem aos indivíduos estabelecerem relações não coercitivas consigo e com os outros, favorecendo a manifestação da ética e da singularidade de cada um e, conseqüentemente, de seu direito à diferença.

Para realizar nosso objetivo nos valemos de diversos textos de Foucault, em especial: *Em Defesa da Sociedade* (2005) e a trilogia sobre a *História da Sexualidade* (2003), além do livro: *Michel Foucault - Uma trajetória filosófica*, de Rabinow e Dreyfus (1995).

No segundo capítulo, levando em consideração o fato de que as práticas de marcação corporal se manifestaram ao longo do desenvolvimento da humanidade, procuramos fazer um breve histórico sobre estas, tendo como foco de discussão as suas inserções nas respectivas sociedades em que se encontravam presentes. Caminhamos dos resquícios mais antigos da presença de tatuagens e *piercings* na humanidade até chegarmos às práticas da *Body Modification* na sociedade contemporânea. Neste percurso utilizamos os textos de Costa (2003), Klemperer (2006), Heuze (2000) e Pires (2005).

Estabelecemos, também, algumas diferenças entre a inserção das marcações corporais nas sociedades ditas primitivas e na contemporaneidade, com base no trabalho de Turner (2000). Em seguida, nos detivemos no movimento da *Body Modification*, onde procuramos caracterizá-lo no contexto da contemporaneidade e também problematizar a visão destas práticas nas sociedades ocidentais. Em um primeiro momento levantamos as questões mais freqüentemente formuladas a respeito deste movimento através de artigos de autores como Sweetman (2000) e

Kleese (2000). Depois, apresentamos os adeptos das práticas da *Body Modification*: os primitivos modernos, formadores do movimento do neo-tribalismo. Neste ponto, introduzimos o pensamento de Fakir Musafar, criador do termo “primitivo moderno”, utilizando como referências os textos de Villaça & Góes (1998), Pires (2005), Heuze, (2000), Garcia & Coutinho (2004), Nyberg (2006) e Boyne (2000). Oferecemos, ainda, uma sucinta diferenciação entre a *Body Art* e a *Body Modification* e apresentamos o trabalho da artista plástica Orlan.

A respeito da artista Orlan e sua arte contestatória, que serviram para deflagrar a discussão sobre a configuração de corpo envolvida nestas práticas, bem como sobre nossa compreensão do papel da dor inerente a estes procedimentos, utilizamos os trabalhos de Clarke (2000), Ayers (2000), Goodall (2000) e Heuze (2000) Esta discussão se mostra fundamental para que possamos tornar clara a associação que fazemos entre as práticas da *Body Modification*, e as novas formas de subjetivação. Baseamos nossas argumentações, principalmente, nos trabalhos de Deleuze & Guattari (1976) e (2004), Holland (1999) e José Gil (1997) e (2005).

O terceiro capítulo é uma continuação da discussão apresentada no final do capítulo anterior no que diz respeito à relação entre a *Body Modification* e as novas formas de subjetivação presentes na contemporaneidade. Começamos apresentando três figuras que acreditamos serem emblemáticas de nosso objeto de estudo. Continuamos nosso percurso com uma reflexão sobre as transformações sociais presentes na sociedade contemporânea e os impactos e conseqüências trazidos por tais transformações para os indivíduos. Utilizamos como referência o livro de Maffesoli, *Sobre o Nomadismo – Vagabundagens Pós- Modernas* (2001).

Posteriormente, ampliamos a discussão sobre as transformações na constituição da subjetividade decorrentes das mudanças sociais, políticas e econômicas e do avanço no desenvolvimento da medicina e das tecnologias. Examinamos esses elementos tão característicos da atualidade a partir de suas repercussões para a compreensão do corpo e, conseqüentemente, para a constituição da subjetividade.

Elegemos este caminho com o objetivo de pensarmos sobre o tipo de constituição subjetiva apresentada pelos adeptos das práticas da *Body*

*Modification* extrema. Neste momento nossa referência foi o trabalho de Braidotti intitulado *Nomadic Subjectics* (1994).

Estabelecemos como fio condutor de nossa discussão as repercussões que os avanços científicos e tecnológicos da atualidade trazem para a sociedade. Para enriquecermos nosso debate recorreremos aos trabalhos de Sibilia (2003) e Haraway (2000), que nos auxiliaram a contextualizar as transformações próprias a contemporaneidade, bem como suas repercussões na construção do ideal de corpo. Acreditamos que este contexto histórico seria o responsável por forjar as condições necessárias para a configuração de uma nova imagem de corpo característica da contemporaneidade, assim como por trazer repercussões para a constituição da subjetividade. Seria em função desta injunção que compreendemos o movimento da *Body Modification* como um fenômeno contemporâneo. Procuramos também fazer uma articulação entre o pensamento de alguns autores que foram apresentados ao longo de nosso percurso para enfatizar o caráter de resistência aos mecanismos coercitivos do poder que acreditamos estar associado as práticas da *Body Modification* na sociedade contemporânea.

Para concluir, discorreremos sobre as duas vertentes da modificação corporal na sociedade ocidental contemporânea. Enfatizamos a importância do contexto histórico em que as práticas da *Body Modification* estão inseridas como fator decisivo para se estipular tanto as repercussões individuais e coletivas destas práticas como a maneira como estas são compreendidas na sociedade.

Gostaríamos de ressaltar que este trabalho não pretende, em momento algum, tecer conclusões definitivas ou idéias fechadas sobre este movimento, muito pelo contrário, desejamos apenas abrir um espaço de reflexão sobre este movimento e suas implicações na sociedade contemporânea.